



"O brincar como atividade terapêutica nos tratamentos psiquiátricos de crianças e adolescentes".



O brincar como atividade terapêutica nos tratamentos psiquiátricos de crianças e adolescentes

O que a gente faz, conta!



Iniciativa:
Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP



Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo
Hospital Dia - Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência (SEPIA)



Associação Viva e Deixe Viver

Pesquisadora Responsável: Adriana Dias Barbosa Vizzotto

Pesquisadora Executante: Marisol Montero Sendin

Auxiliares de Pesquisa: Adriane Bacellar Duarte Lima, Camila Claudiano Quina, Maria Regina Silvino Grandjean Pinto, Simone Moraes da Fonseca, Suzel Figueiredo, Valdir Cimino, Violeta Dib Cimino



Objetivos do estudo

O que a gente faz, conta!

Objetivo Geral

- Compreender o processo do brincar das crianças e adolescentes em tratamento psiquiátrico no Ambulatório e Hospital Dia Infantil – SEPIA.

Objetivos Específicos

- Observar com os pais e acompanhantes os interesses dos pacientes pelo brincar;
- Verificar os métodos e maneiras utilizadas no brincar das crianças e adolescentes em tratamento psiquiátrico;
- Identificar patologias do brincar para facilitar processos de interação dos pacientes com os brinquedos;
- Propor intervenções na Brinquedoteca Terapêutica do Hospital Dia Infantil com foco nas necessidades específicas dos pacientes, através da contação de histórias.



Metodologia da pesquisa

O que a gente faz, conta!

A pesquisa a que se refere este relatório foi realizada com os cuidadores dos pacientes atendidos pelo Hospital Dia Infantil. A metodologia realizada foi mista, qualitativa e quantitativa. No primeiro caso, os dados foram coletados em uma entrevista individual em profundidade, sendo os entrevistados abordados pessoalmente pelos pesquisadores, que aplicaram um roteiro pré-estruturado. As entrevistas foram gravadas, degravadas, analisadas.

Na etapa seguinte os dados foram quantificados e ordenados em banco de dados para as análises quantitativas.

Este relatório apresenta os resultados parciais da etapa quantitativa, que resultaram em amostra final válida de 65 casos.

Foram realizadas ... entrevistas, porém em vários casos as informações foram prejudicadas e os relatos foram descartados. As ocorrências mais comuns foram: dados insuficientes, informante não capacitado para dar as informações, dados sem consistência.



O que a gente faz, conta!



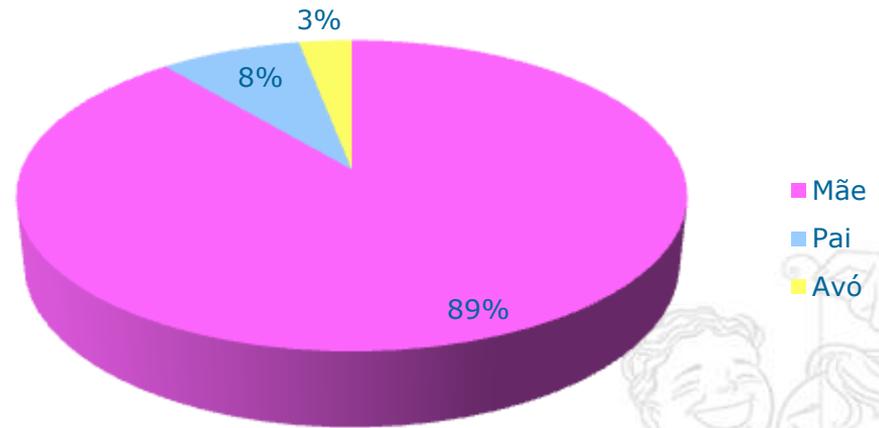
A História da Família



Mãe é principal informante

O que a gente faz, conta!

Os informantes desta pesquisa qualitativa são, principalmente as mulheres, sendo 89% mães e 3% avós dos pacientes. No total são 65 crianças e adolescentes, sendo 70% do sexo masculino e 30% do feminino.





O que a gente faz, conta!

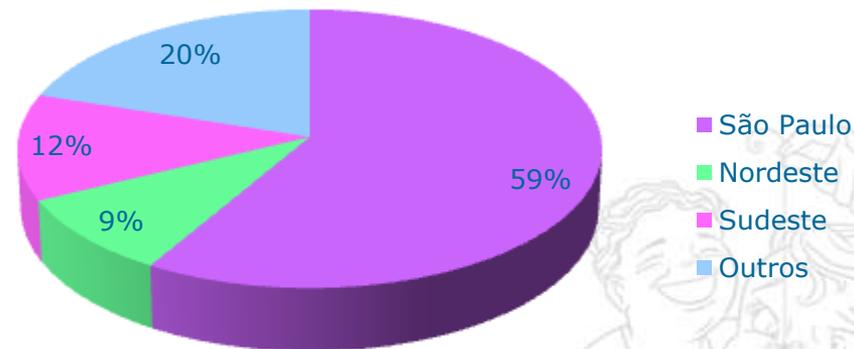
Entrevistados são de vários estados

A maioria dos responsáveis pelos pacientes é paulista, com mais de 9 cidades, além da capital.

Do Nordeste compõem a amostra pessoas da Bahia, Paraíba e Maranhão.

Do Sudeste, além de São Paulo, os entrevistados são de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Outros casos agregados são do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e os não informados.





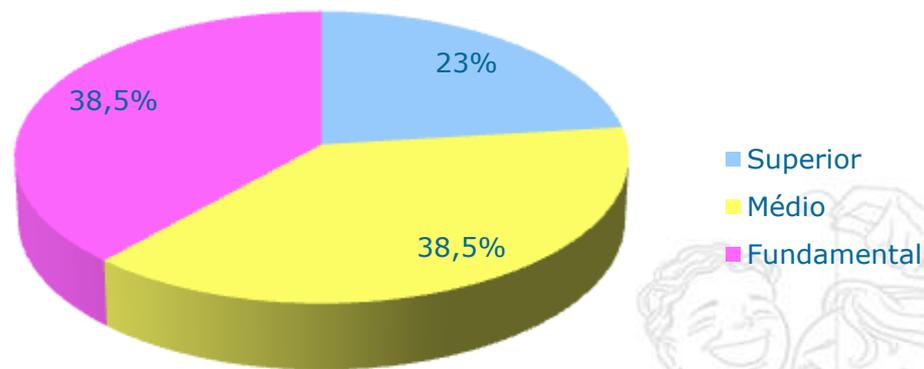
O que a gente faz, conta!

Boa escolaridade entre familiares

A amostra tem uma peculiaridade a respeito do perfil, pois são atendidos no Hospital Dia, pacientes de todas as condições socioeconômicas.

Quase um quarto da amostra é composta de pessoas com escolaridade superior.

Os mais escolarizados são todos do Sudeste.

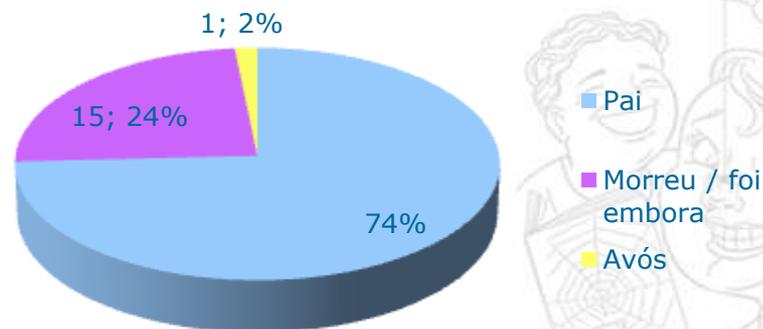
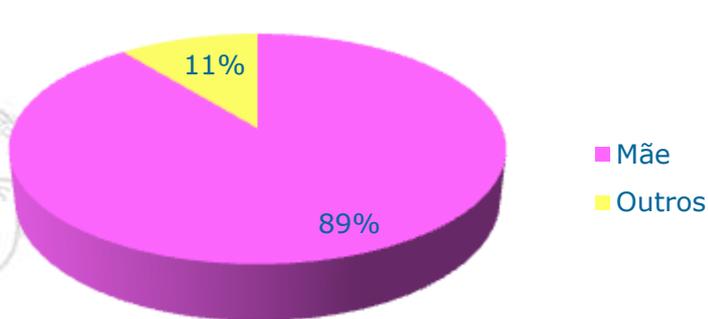




O que a gente faz, conta!

Composição familiar incluía mãe e pai

A maioria dos entrevistados conviveu com pai e mãe na primeira infância, sendo a presença da mãe mais frequente. Enquanto 89% dos entrevistados conviveram de perto com a mãe, apenas 64% deles tiveram pai presente. Pais ou mães morreram em mais de 10% dos casos.

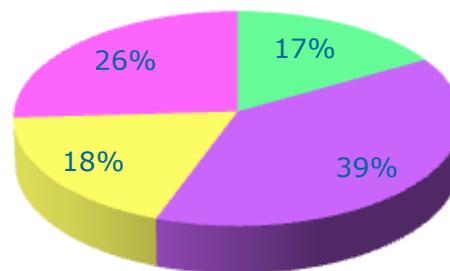




O que a gente faz, conta!

Convivência em família com muitos irmãos

As famílias eram mais numerosas que as observadas atualmente. Mais de 40% dos entrevistados tinham 4 ou mais irmãos. Foram registrados casos de famílias com mais de 20 filhos.



- Um irmão
- 2 ou 3 irmãos
- 4 ou 5 irmãos
- Mais de 6



A Vida na Infância

O que a gente faz, conta!



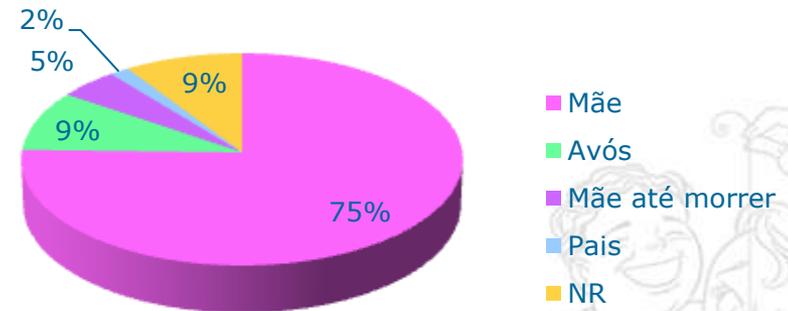


Mãe é principal cuidadora

O que a gente faz, conta!

A mãe é a principal cuidadora, em 75% dos casos. Ocupam papel importante as avós. Alguns relatos mencionaram a mãe, até ela ir embora ou a criança ser enviada para um colégio interno ou ainda até a morte da mãe.

Em nenhum caso o pai foi apontado como principal cuidador.

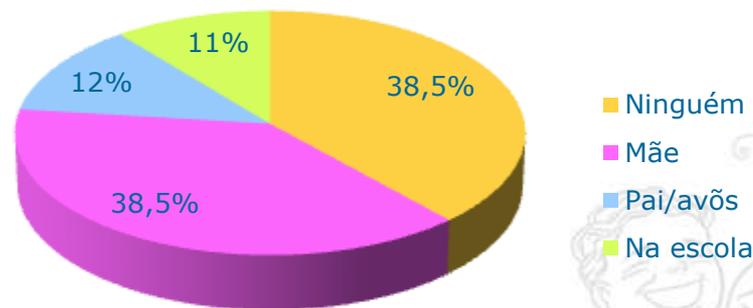




O que a gente faz, conta!

Maioria foi impactada pelo canto, como forma de afeto

Quando questionados se alguém cantava para eles, na infância, mais de 60% se lembram desta forma de afeto. A mãe, mais uma vez, ocupa papel principal, até mesmo porque é ela quem mais tempo passava com a criança.





O que a gente faz, conta!

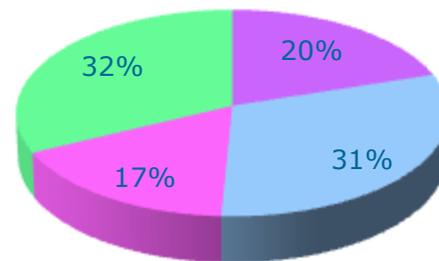
Mãe e filhos tinham contato intenso, no lazer e na casa

O relacionamento com a mãe e filhos era muito próximo. Os filhos ajudavam nas tarefas da casa, como lavar louças e roupas e cuidar dos irmãos mais novo.

Um terço dos entrevistados mencionou passeios, como visitas a parentes, parquinhos.

Estão agregados em variadas, atividades como ver televisão, ir trabalhar com mãe etc.

É interessante notar que 17% das mães brincavam com os filhos.



- Cuidava da casa
- Passeava
- Brincava
- Variadas



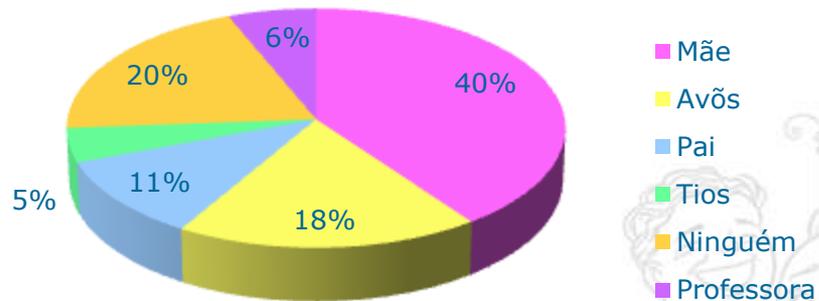
O que a gente faz, conta!

Contação de histórias foi prática comum

A contação de histórias acontecia em 80% dos casos, sendo os pais protagonistas em 51% das citações.

O papel da escola aparece como secundário, visto que a professora é lembrada em apenas 6% dos casos.

Também chama a atenção a presença paterna na contação de histórias.





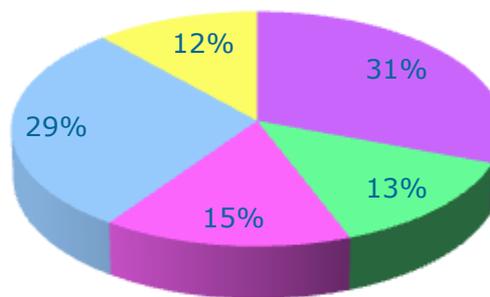
O que a gente faz, conta!

Histórias variadas para entreter e sonhar

As histórias contadas têm origens muito diferentes: causos e lendas, folclore, histórias inventadas, histórias familiares, além da predominância dos contos de fadas, como Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Três Porquinhos.

Apenas uma pessoa citou o nome de algum autor infantil e foi Monteiro Lobato.

Foram lembradas histórias dos africanos, da bíblia, história de lobisomem, mula sem cabeça, dentre outras.



- Histórias infantis
- Causos e lendas
- Folclore
- Histórias inventadas
- Outras

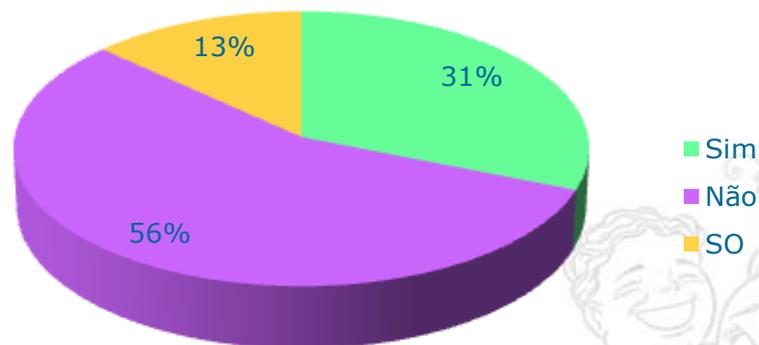


O que a gente faz, conta!

Histórias inventadas levam ao mundo imaginário

Questionados se quando crianças inventavam histórias, um terço disse que sim. Quando cruzados os dados das crianças mais criativas, são os filhos das famílias que tinham por hábito inventar histórias.

As crianças inventavam amigos imaginários, brinquedos, histórias com seres de outros planetas. Essas crianças eram estimuladas por mães e avós.

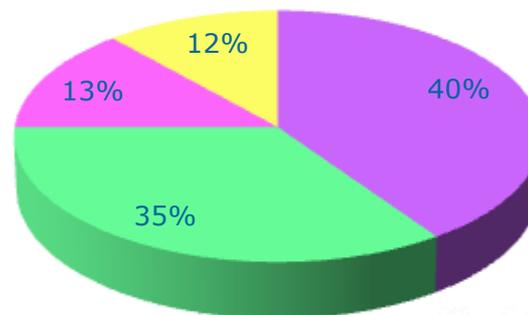




Hora de dormir é hora de história

O que a gente faz, conta!

Os entrevistados citaram as histórias que exerciam certa magia. Serviam para acalmar as crianças e para reunir a família.



- Noite
- Dia
- Finais de semana
- Outras



O que a gente faz, conta!



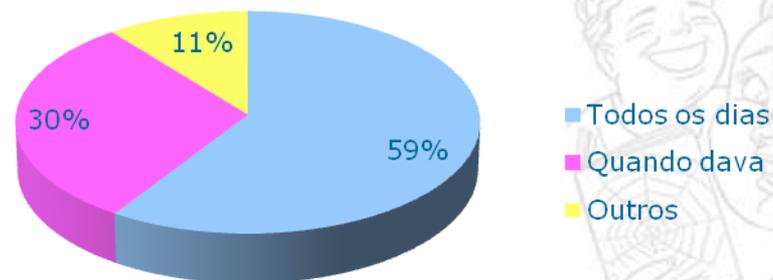
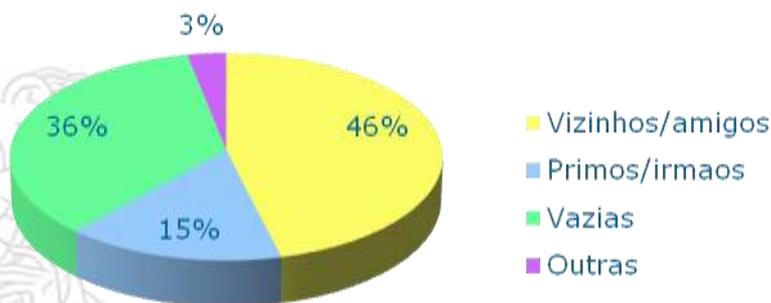
A Relação com o Brincar



O que a gente faz, conta!

Brincar era prazer de todos, mas não todo dia

Os entrevistados brincavam muito quando crianças, a maioria diariamente. Os vizinhos e amigos eram as principais companhias. Um terço das crianças que brincavam quando era possível, são as mesmas que ajudavam as mães na tarefa da casa.





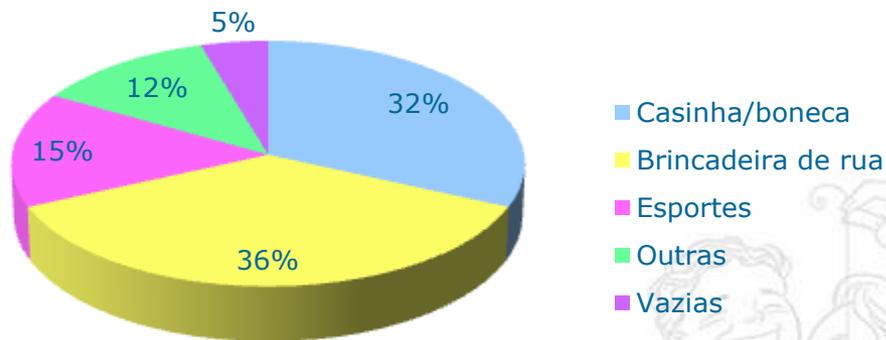
O que a gente faz, conta!

Brincadeiras da infância eram variadas, na casa e na rua

Brincadeiras de casinha, que reproduzem a vida doméstica foram traduzidas por: mamãe e filhinha, comidinha, batizado de boneca, dentre outras.

As brincadeiras de rua mais citadas foram amarelinha, esconde-esconde, pular corda, pega-pega, queimada, passa anel, salada mista, corrupio, empinar pipa, bolinha de gude.

Brincadeiras que reproduzem papéis fora do lar também foram citadas: cabeleireira, escolinha.





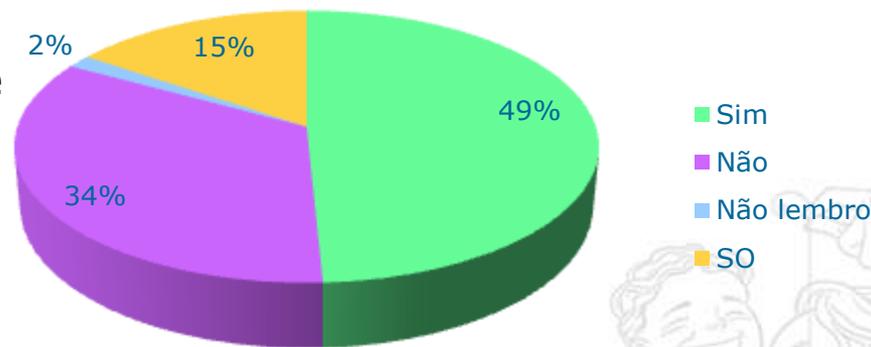
O que a gente faz, conta!

Um mundo de criatividade na brincadeira das crianças

As crianças eram mais inventivas na criação de brincadeiras que de histórias.

Algumas brincadeiras citadas:

- Carrinho de lata
- Panelinhas com medida do leite Ninho
- Armário com casca de melancia
- Boneca de sabugo de milho
- Barquinho de papel
- Fazendinha recortada no papel
- Pé de lata
- Casinha com madeira e telha
- Boneca de pano
- Lagartixa virava cachorro
- Forquilha virava revolver
- Roupinha de boneca





O que a gente faz, conta!

Lembranças boas da infância trazem saudades

A infância traz nostalgia e é lembrada como um tempo feliz. As brincadeiras são o centro da felicidade, pois se traduzem, nas palavras dos entrevistados, em sensação de liberdade, prazer, amor, relacionamento com amigos e irmãos, a falta de responsabilidade, o contato com a natureza, a segurança da família, o carinho dos pais e avós.

A memória de lugares (festas de São João, a casa da avó, dos tios, o sítio, as férias) são permeados de afetos, para todos, inesquecíveis.



O que a gente faz, conta!

Lembranças ruins são associadas a dores afetivas

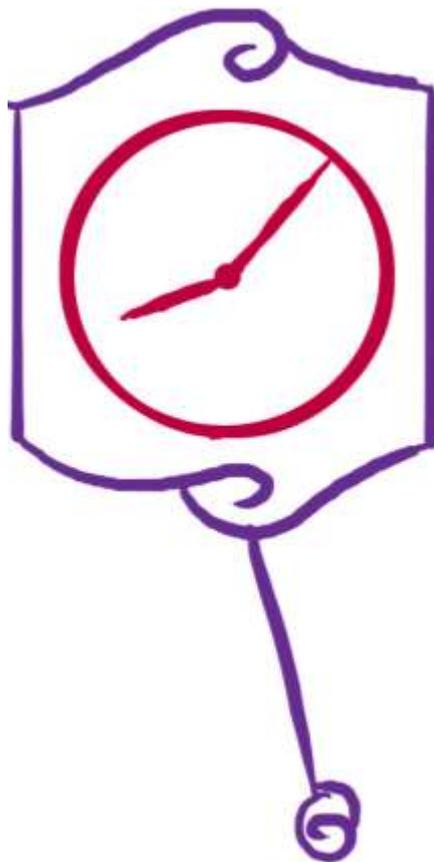
As lembranças negativas mais fortes estão ligadas a dores afetivas, causadas pela violência doméstica e problemas financeiros. Mais de um terço da amostra tinha problemas de relacionamento no lar, com pais que bebiam e batiam na mãe e nos filhos, casais que brigavam muito, pais que abandonaram a casa. Perdas humanas como morte de pai, mãe e avós também marcaram a vida dessas pessoas.

Encontramos ainda entrevistados cujas mães tinham problemas de saúde física e mental, o que causava grande dor e sensação de impotência.

Na citação das dificuldades financeiras, falam de fome, moradia precária, poucas roupas, falta de brinquedos. Uma parcela significativa não tem lembranças ruins da infância.



O que a gente faz, conta!



A espera do bebê



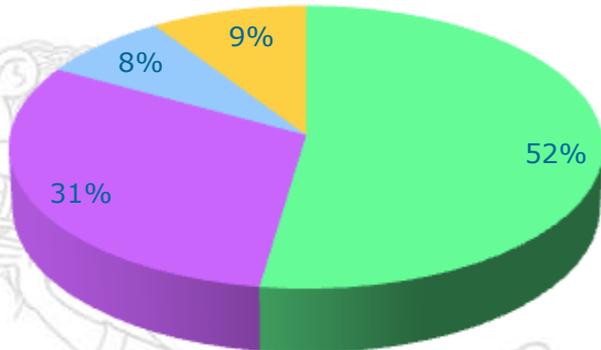
Metade das mães conversava com o bebê na barriga

O que a gente faz, conta!

Conversar com o bebê, fazer carinho na barriga era prazeroso para as mães e em alguns casos, para os pais. Relatam que o bebê se mexia, chutava, como se compreendesse que estavam falando com ele.

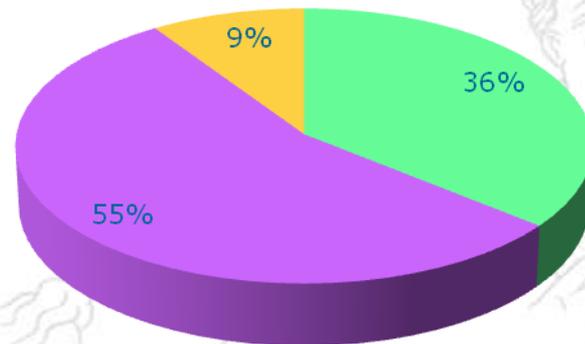
Já quando questionados sobre o canto, 36% das entrevistadas afirmaram que sim.

CONVERSAVA



■ Sim
■ Nao
■ Outros
■ SO

CANTAVA



■ Sim
■ Nao
■ SO



O que a gente faz, conta!



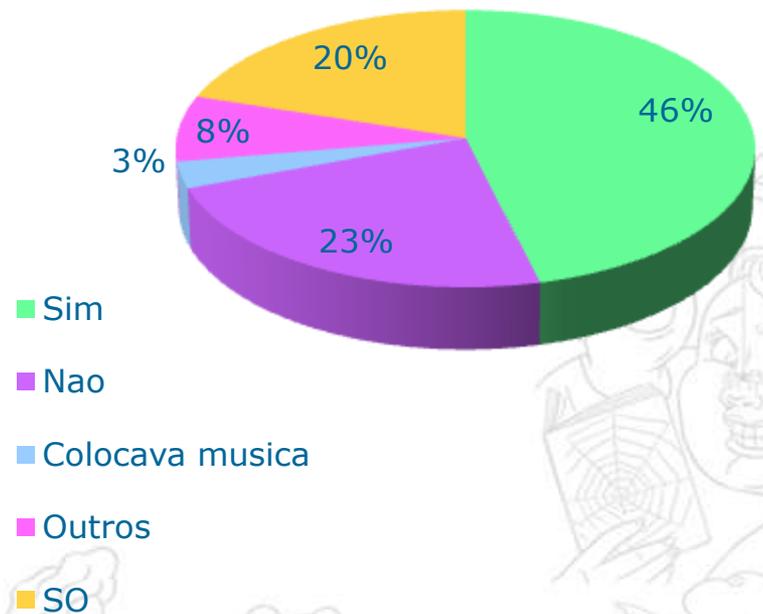
A Chegada



Cantava para o bebê

O que a gente faz, conta!

Embora cerca de 60% dos entrevistados tenha relatado que, na infância, o canto era frequente, as mães entrevistadas reproduziram menos as experiências pessoais.



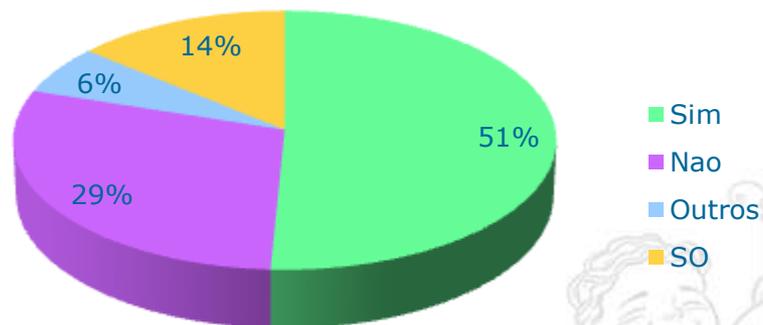


Contava histórias para o bebê

O que a gente faz, conta!

Da mesma forma, a contação de histórias que era rica, com folclore e lendas, histórias familiares e infantis, perdeu espaço.

Na geração dos pais, 80% afirmaram que ouviam histórias na infância, porém apenas 53% tiveram o mesmo comportamento com seus bebês.

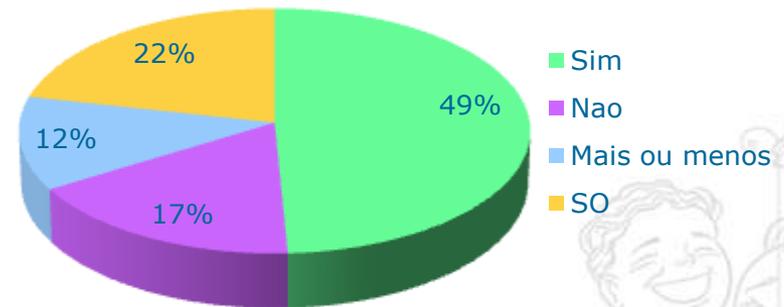




Tinha tempo para brincar

O que a gente faz, conta!

Metade dos entrevistados relatam que brincavam com seus bebês. Considerando que a amostra é composta principalmente por mães, esse é um dado que chama a atenção.





O que a gente faz, conta!



O Convívio

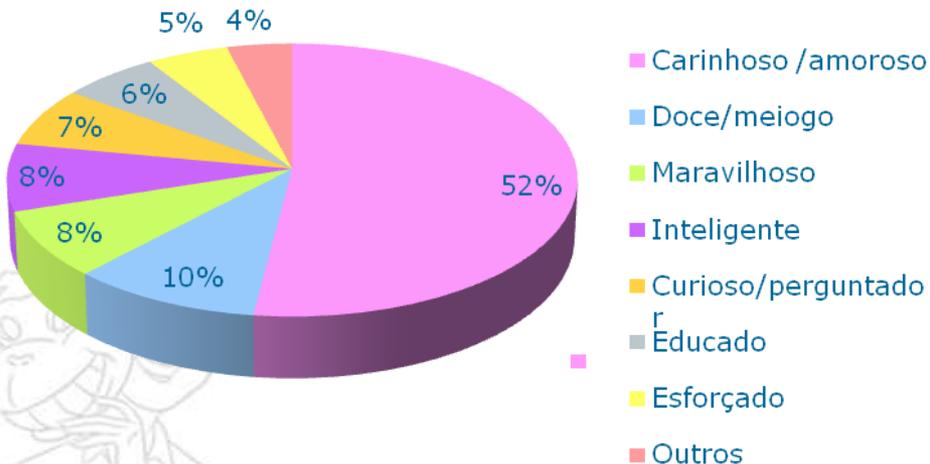


O que a gente faz, conta!

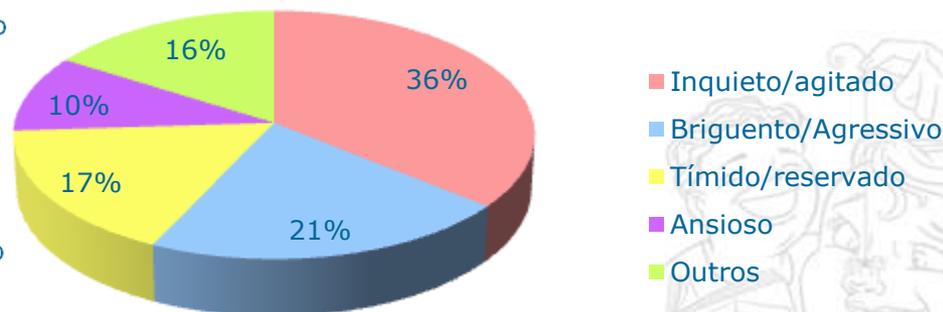
Características positivas são mais enfatizadas

Os cuidadores foram questionados sobre as características dos pacientes e as respostas foram positivas em 62% dos casos e 38%, apontadas como negativas.

POSITIVAS



NEGATIVAS





O que a gente faz, conta!

Brincar traz inúmeras contribuições

Brincar para os pacientes com patologias mentais traz benefícios além da distração, como informam os cuidadores. As principais contribuições foram elencadas em 3 blocos, com cerca de 1/3 das menções cada.

MOTORA

**Equilíbrio
Agilidade
Independência
Respiração
Destreza manual**

INTELLECTUAL

**Concentração
Lógica
Raciocínio
Criatividade
Organização**

AFETIVA

**Valor aos amigos
Limites
Socialização
Respeito
Valor à família
Segurança**

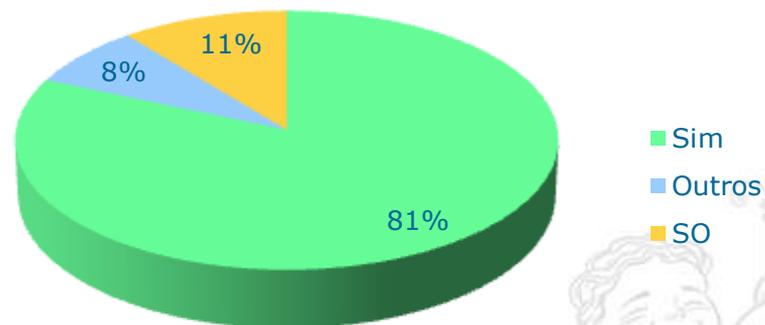


O que a gente faz, conta!

Relacionamento com a mãe permite muita conversa

A interação com os pacientes é grande e a maioria conversa muito, principalmente sobre o cotidiano: o que fazer, horários, rotina, escola, regras. Os assuntos relacionados à escola são muito enfatizados.

Para os pacientes adolescentes o discurso muda um pouco e fala-se sobre drogas, sexo, namoro. Poucos são os cuidadores que





O que a gente faz, conta!

Melhores lembranças associadas às pequenas conquistas

Como as entrevistas foram abertas, em profundidade, este foi um momento de grande emoção. As melhores lembranças podem ser classificadas em três categorias: conquistas físicas, sociais e afetivas.

Conquistas físicas: andar, falar, comer sozinho, brincar, questões relacionadas ao dia-a-dia.

Conquistas sociais: festas na escola, apresentações de canto, teatro, dança, quando a criança tinha visibilidade e se mostrava capaz.

Conquistas afetivas: momentos de lazer, passeios, férias, praia, com grande interação familiar.

Uma parcela significativa, cerca de 30%, relata que todos os dias são importantes. E que os bons momentos são tantos que é impossível destacar um.



O que a gente faz, conta!

Conclusões





Conclusões Parciais

O que a gente faz, conta!

Esta pesquisa sobre o Brincar como atividade terapêutica é o primeiro estágio de uma linha de investigação que se mostra muito promissora.

Estes dados parciais apontam para uma mudança de comportamento geracional. Enquanto os cuidadores, na infância, tiveram um núcleo familiar mais estruturado, na geração dos pacientes as famílias têm nova configuração. A ausência da figura paterna talvez seja a principal mudança na composição familiar.

Outro aspecto que merece ser investigado de maneira mais profunda é o tipo do brincar. Se os pais tiveram uma infância livre, em contato com a natureza e ligados à família e aos vizinhos, esta geração de pacientes mudou a forma de brincar. Hoje o brincar é mais individual e a interação é com a máquina.

A criatividade, as habilidades motoras, a socialização, para citar apenas alguns atributos do brincar relacional estão prejudicados.



Conclusões Parciais

O que a gente faz, conta!

Nota-se nos dados da pesquisa o valor que o brincar tem para os cuidadores, como uma atividade complementar ao tratamento, senão como o tratamento em si. Uma brinquedoteca não é no ambiente hospitalar o local para distração, mas sim, um espaço terapêutico. Há também o ambiente externo de uma grande cidade, que não permite as brincadeiras que tanto prazer e autonomia traziam aos cuidadores.

Solicitados a descrever as características dos pacientes, os entrevistados apontam, simultaneamente, aspectos positivos e negativos. As crianças e adolescentes são amorosos, queridos, mas agitados e violentos. Não é possível traçar um único perfil, porém independente da criança, mesmo as mais inquietas, são atraídas pelo brincar terapêutico.

A importância do brincar, no espaço hospitalar, é ainda maior, pois os cuidadores brincam cada vez menos com os pacientes, muitas vezes porque se sentem deslocados na brincadeira.



Conclusões parciais

O que a gente faz, conta!

Embora os dados não sejam conclusivos, tudo indica que havia uma relação entre as crianças mais criativas e inventivas com a característica familiar. Ou seja, avós e pais que cantavam, contavam histórias e brincavam estimulavam seus netos e filhos a reproduzir o comportamento.

Com o nascimento de uma criança com patologia psiquiátrica, até mesmo os pais que foram mais estimulados se sentem impotentes diante do desconhecido. Parcela significativa dos pacientes é agitada, o que dificulta o brincar. Neste sentido, é importante educar a família para estimular terapeuticamente, orientando sobre as formas de brincar.

O principal aprendizado desta coleta de dados foi sobre a dificuldade de aprofundar o sentimento em relação à infância e ao brincar. Porém, quando estimulados, os indivíduos revelam riquezas afetivas que podem contribuir para o tratamento de seus filhos.



O que a gente faz, conta!

Conclusões parciais

Mães que tiveram experiências de brincar com seus filhos quando bebês, ou muito pequenos, são as mesmas que relatam experiências relacionadas às conquistas afetivas. Estas mães rolam no tapete, viram cambalhota, dão gargalhadas, escorregam, sentam no chão, pintam e bordam, segundo uma delas. Estas mães que brincam são as que parecem mais próximas do mundo de seus filhos e para quem brincar é um ato de amor.